

**As contribuições da Sociologia da Infância para as pesquisas da Educação Física
com crianças**

The contributions of Childhood Sociology to Physical Education research with children

Jardielly Alencar Vasconcelos Martins
Laura Helmer Trindade
Gabriel Maroquio Zandomenighe da Silva
Leisiane Gomes Dias
André da Silva Mello
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Vitória-Brasil

Resumo

Tem por objetivo analisar como os pressupostos teórico-metodológicos da Sociologia da Infância têm mobilizado as pesquisas da Educação Física com crianças em contextos formais e não-formais de educação. Trata-se de um estudo bibliográfico que utilizou artigos, dissertações e teses provenientes das produções acadêmico-científicas produzidas pelo Núcleo de Aprendizagens com as Infâncias e seus Fazeres, da UFES, entre os anos de 2012 e 2023. Os conceitos de entrada reativa, adulto atípico, cultura de pares, reprodução interpretativa e escuta sensível são apropriados pelos pesquisadores para reconhecer e dar visibilidade às produções infantis, às suas agências e práticas autorais. Ao operar com estes conceitos, as pesquisas analisadas buscam afirmar o compromisso ético, político e estético com as crianças, pois, procuram retirá-las da condição de invisibilidade e subalternidade social.

Palavras-chave: Crianças; Sociologia da Infância; Educação Física.

Abstract

It aims to analyze how the theoretical-methodological assumptions of the Sociology of Childhood have mobilized Physical Education research with children in formal and non-formal educational contexts. This is a bibliographic study that used articles, dissertations and theses from academic-scientific productions produced by the Center for Learning with Childhood and Their Practices, at UFES, between the years 2012 and 2023. The concepts of reactive entry, adult atypical, peer culture, interpretative reproduction and sensitive listening are appropriated by researchers to recognize and give visibility to children's productions, their agencies and authorial practices. When operating with these concepts, the research analyzed seeks to affirm the ethical, political and aesthetic commitment to children, as they seek to remove them from the condition of invisibility and social subalternity.

Keywords: Children; Sociology of Childhood; Physical education.

As contribuições da Sociologia da Infância para as pesquisas da Educação Física com crianças

1. Introdução

*Talvez o que as crianças tenham de mais potente
seja a infância.*
(Abramowicz, 2018)

Ao longo da história, diferentes concepções de infância estiveram subjacentes às representações, práticas pedagógicas e de pesquisa sobre as crianças (Dalhberg; Pence; Moss, 2003). Ancoradas em pressupostos médico-biológicos, desenvolvimentistas e universais, as crianças, majoritariamente, foram e ainda são concebidas como um “vir a ser”, sob o argumento de que são imaturas, dependentes e incompletas. Nesta perspectiva, elas são tratadas e estudadas pela sua imperfeição, pautadas por uma situação sociológica de anomia e de invisibilidade, necessitando serem preenchidas pela racionalidade do adulto para se tornarem seres ontologicamente plenos (Sarmiento, 2013).

Em sentido contrário a estas concepções, a partir da década de 1990, no cenário internacional e nacional, ganham força os movimentos que buscam retirar as crianças desta posição de subalternidade social, concebendo-as como sujeito de direitos, capazes de pensar e agir sobre si em seus mundos de vida (Tomás, 2017). No Brasil, esta mudança paradigmática está expressa na Carta Constitucional (Brasil, 1988), na Convenção dos Direitos das Crianças (Brasil, 1989) e no Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990).

No contexto educacional, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (Brasil, 2009) e a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) (Brasil, 2017) questionam modelos educacionais que consideram as crianças como sujeitos que absorvem passivamente os artefatos culturais transmitidos pelos adultos. Estes documentos reivindicam processos educacionais centrados no protagonismo, nas práticas autorais e nas produções culturais infantis, ao considerarem as crianças como sujeitos do próprio desenvolvimento (Mello et al., 2016).

Apesar dos avanços preconizados pelos documentos legais e educativos, ainda há um longo percurso para que as intenções presentes nestas prescrições se transformem em ações efetivas, capazes de trazer as crianças para o centro da cena nas práticas pedagógicas e de pesquisa (Mello; Martins; Barbosa, 2023). No campo acadêmico-científico, a Sociologia da Infância (SI) (Corsaro, 2009, 2011; Qvortrup, 2010; Sarmiento,

2008, 2013) vem se afirmando como potente referencial teórico-metodológico no reconhecimento das produções autorais e do protagonismo infantil, ao admitir as crianças como sujeitos sociais ativos, que recebem e transformam as práticas culturais em que estão inseridas (Sarmiento, 2013).

A Sociologia da Infância, em seus diálogos interdisciplinares, tem influenciado diferentes áreas do conhecimento na valorização da criança como ator social competente, capaz de produzir narrativas, por meio de diferentes linguagens, sobre si e sobre o mundo em que vive. Afinal, como afirma Cohn (2005), a criança não sabe menos do que os adultos, ela sabe outras coisas. Para Sarmiento (2008, p. 15), é preciso analisar os:

[...] mundos da criança a partir de sua própria realidade, a auscultação da voz da criança como entrada na significação de seus mundos de vida e a aceitação das crianças como ser completo e competente, isto é, compreensível apenas a partir da aceitação da sua diferença face ao adulto.

Diante do exposto, este artigo tem como objetivo analisar como os pressupostos teórico-metodológicos da Sociologia da Infância têm sido mobilizados nas pesquisas da Educação Física com crianças em contextos formais e não-formais de educação. Para isto, focaliza as pesquisas produzidas pelo Núcleo de Aprendizagens com as Infâncias e seus Fazeres (NAIF), grupo de pesquisa que tem se destacado no cenário nacional pelo reconhecimento e valorização das produções culturais infantis em suas práticas de pesquisa e nas formações com professores/as da Educação Infantil (Duarte; Neira, 2021; Farias *et al.*, 2019). Ao assumir o compromisso ético, estético e político com as infâncias e as crianças, o NAIF adota a Sociologia da Infância como referencial em suas produções acadêmico-científicas.

2. Metodologia

Neste tópico faremos uma breve contextualização da Sociologia da Infância e apresentaremos o percurso metodológico adotado nesta pesquisa. De acordo com Sarmiento (2013), a Sociologia da Infância é um campo de estudos que tem apresentado grandes progressos nas últimas décadas, entretanto, o desafio atual consiste em se afirmar como uma área científica legítima.

A partir de mudanças paradigmáticas, a criança passou a ser compreendida como um sujeito de direitos, na sua completude, capaz de pensar e agir sobre si, considerada no

As contribuições da Sociologia da Infância para as pesquisas da Educação Física com crianças

presente, como “ser que é”, pensada a partir do seu próprio contexto sociocultural. Assim, os estudos da Sociologia da Infância buscam:

[...] compreender a criança como ser biopsicossocial e a infância como categoria estrutural da sociedade (no âmbito das categorias geracionais), procurando fazê-lo numa perspectiva totalizante, não fragmentária e, por consequência, interdisciplinar (Sarmiento, 2013, p. 15).

O giro epistemológico acerca das crianças, das infâncias e de suas culturas, em uma perspectiva sociológica, começou a despontar nos Estados Unidos em 1920, e na França em 1932, consolidando-se com maior ascensão e intensidade por volta da década de 1980 (Abramowicz; Oliveira, 2010). No Brasil este movimento ganhou visibilidade com a obra de Florestan Fernandes na década de 1940 (Quinteiro, 2002). Contudo, a constituição de um campo teórico sociológico mais consolidado só ocorreu a partir da década de 1990 e início dos anos 2000, com as traduções e publicações de textos de Cléopâtre Montandon, Régine Sirota, Manuel Jacinto Sarmiento, William Corsaro e Jens Qvortrup, que contribuíram para uma maior visibilidade a este campo de estudos (Duarte, 2021).

Porém, apesar da visibilidade pública no Brasil, a Sociologia da infância ainda tem encontrado desafios para se consolidar como um campo científico autônomo, em decorrência de suas particularidades teórico-epistemológicas e metodológicas, como por exemplo, considerar as crianças brasileiras a partir de suas especificidades socioeconômicas, culturais e étnico-raciais (Leite, 2023). Apesar disto, é inegável que a SI tem ressignificado e (re)direcionado um novo olhar para as investigações com/sobre/para as crianças e as infâncias. As pesquisas desenvolvidas pela Sociologia da Infância, formuladas a partir de suas correntes (estrutural, interpretativa e crítica), caminham cada vez mais em direção ao processo de desocultar e evidenciar as infâncias e as crianças invisibilizadas e secundarizadas historicamente pelos estudos sociológicos, considerando-as como atores sociais ativos em seus processos de socialização e de desenvolvimento.

Conforme descrito por Sarmiento (2013), cada corrente teórica se aproxima e desenvolve alguns temas de maneira mais privilegiada e assume abordagens metodológicas específicas, a partir de como concebem as crianças e as infâncias. No entanto, ainda segundo o autor, é possível realizar pesquisas pluriparadigmáticas, quando um tema é usualmente mais desenvolvido em uma determinada corrente e pesquisado a

partir de pressupostos teóricos e metodológicos de outra corrente, entretanto, sem incidir em incongruências epistemológicas (Sarmiento, 2013).

Em relação ao percurso metodológico, trata-se de uma pesquisa bibliográfica sobre as produções acadêmico-científicas do NAIF, que totalizam 111 trabalhos, entre teses, dissertações e artigos, no recorte temporal que compreende os anos de 2012 a 2023. Foram incluídos os trabalhos que problematizam as crianças em contextos formais e não-formais de educação e que têm como referencial teórico a Sociologia da Infância. As 17 pesquisas que interagem com estes pressupostos estão apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Artigos, Dissertações e Teses produzidas pelos membros do Naif

Nº	Título	Autor (a/es)	Ano	Tipologia
1	Hibridismo brincante: um estudo sobre as brincadeiras lúdico-agressivas na Educação Infantil	Raquel F. M. Barbosa	2018	Tese
2	As produções culturais das crianças como eixo de articulação curricular da Educação Física com a Educação Infantil	Bethânia A. C. Zandomínegue	2018	Tese
3	Relações pedagógicas da Educação Física com crianças e adolescentes em tratamento oncológico.	Emmily R. Galvão	2019	Dissertação
4	Dinâmica curricular no cotidiano da Educação Infantil: um olhar a partir das práticas pedagógicas com a Educação Física	Vanessa Guimarães	2018	Dissertação
5	Pesquisas com crianças na Educação Infantil: diálogos interdisciplinares para produção de conhecimentos	André da S. Mello; Bethânia A. C. Zandomínegue; Aline O. Vieira; Angélica C. Silva; Livia C. Assis; Raquel F. M. Barbosa; Rodrigo L. D. R. Martins	2015	Artigo
6	Por uma perspectiva pedagógica para a Educação Física com a Educação Infantil	André da S. Mello; Alexandre F. Marchiori; Érica Bolzan; Marcos V. Klippel; Maria C. Rocha; Victor R. Mazzei	2020	Artigo
7	Pibid, Educação Infantil e Educação Física: práticas pedagógicas centradas nas crianças	Rodrigo L. D. R. Martins; Bianca A. Scottá; André da S. Mello	2016	Artigo
8	Protagonismo das crianças nas práticas pedagógicas da Educação Física com o teatro, a brincadeira e a contação de história na Educação Infantil	Fernanda M. Franco; Bethânia A. C. Zandomínegue; André da S. Mello	2023	Artigo
9	Crianças como praticantes do cotidiano: uma perspectiva metodológica para produção de conhecimentos com as infâncias	André da S. Mello; Rodrigo L. D. R. Martins; Raquel F. M. Barbosa	2023	Artigo

As contribuições da Sociologia da Infância para as pesquisas da Educação Física com crianças

10	A valorização das produções culturais das crianças nas aulas de Educação Física: análises de narrativas docentes	Bianca A. Scottá; Rodrigo L. D. R. Martins; Silvana Ventrone; André da S. Mello	2020	Artigo
11	Pressupostos teóricos e pedagógicos para a mediação da Educação Física com crianças em tratamento oncológico	Luísa H. Trindade	2021	Dissertação
12	A prática pedagógica da Educação Física com a Educação Infantil: diálogos entre a sociologia da infância e o comportamento motor	Anne S. Ewald	2021	Dissertação
13	Desafios e possibilidades para a mediação pedagógica com as danças populares no contexto da Educação Infantil	Rafaela F. Fávero	2022	Dissertação
14	Imagens, infâncias e educação em foco: análise de produções culturais sobre, para e pelas crianças	Victor R. Mazzei	2021	Tese
15	O brincar e a criança em tratamento oncológico: relações para além da dimensão terapêutica	André da S. Mello; Luísa H. Trindade; Emmily R. Galvão; Giuliano G. de A. Pimentel	2021	Artigo
16	Participação-escuta das crianças na Educação Infantil	Bethânia A. C. Zandomínegue; Raquel F. M. Barbosa; André da S. Mello	2020	Artigo
17	A Educação Infantil na base nacional comum curricular: pressupostos e interfaces com a Educação Física	André da S. Mello; Bethânia A. C. Zandomínegue; Raquel F. M. Barbosa; Rodrigo L. D. R. Martins; Wagner Santos	2016	Artigo

Fonte: Os autores (2023).

A seguir serão apresentadas as análises dos trabalhos da Educação Física com a Educação Infantil que mobilizaram os pressupostos da SI.

3. Discussão dos resultados

A partir do total de trabalhos produzidos pelo Naif, foram selecionados 9 artigos, 5 dissertações e 4 teses. Porém, antes de adentrar nas categorias de análise, faremos uma breve contextualização do conjunto das pesquisas selecionadas (Quadro 1).

As pesquisas mobilizaram diferentes instrumentos para compreender o cotidiano das crianças e suas produções culturais, como diário de campo, imagens iconográficas paradas e em movimento, desenhos, enunciações de crianças e adultos, brinquedos construídos, dentre outros artefatos pedagógicos.

Segundo Barbosa, Zandomínegue e Mello (2020, p. 25), o uso de técnicas metodológicas apropriadas para a captação das linguagens das crianças é fundamental para identificar e dar visibilidade às suas manifestações culturais, bem como à auscultaçãoⁱ de suas vozes e às suas distintas formas de expressão. É por esta razão que é preciso superar os métodos tradicionais e utilizar diferentes instrumentos de produção de dados que se aproxime das singularidades das crianças, como a mobilização das diferentes linguagens, sobretudo, a corporal.

Analisando os contextos de investigação das dissertações e teses encontradas, três trabalhos foram realizados em espaço não-formal de ensino (Galvão, 2019; Mazzei, 2022; Trindade, 2021) e cinco trabalhos produzidos na Educação Básica (Barbosa, 2018; Ewald, 2021; Fávero, 2022; Guimarães, 2018; Zandomínegue, 2018).

Os trabalhos, majoritariamente, têm como característica metodológica a imersão no campo, por meio de pesquisas-ação e investigações etnográficas. Ancorados nestes métodos, os estudos analisados buscam uma melhor compreensão das práticas infantis e dos modos particulares que as crianças estabelecem entre si, porque, ao se inserir com mais propriedade nos *espaços-tempos* de convivência dominados pelas crianças, o pesquisador passa a entender melhor a sua realidade cultural “fazendo uma apreensão dos significados [...]” (Delgado; Muller, 2008, p. 144).

Além disto, de acordo com Rocha (2008, p. 48), as pesquisas do tipo etnográfica “[...] permitem captar o entorno social e as experiências das crianças como agentes e como receptores de outras instâncias sociais – portanto, no contexto das relações como outros agentes”.

Realizamos uma leitura flutuante dos trabalhos a fim de identificar os pressupostos da SI que foram empregados nas pesquisas. A partir desta identificação, elegemos os seguintes conceitos nas discussões: *entrada reativa*, *adulto atípico*, *cultura de pares*, *reprodução interpretativa* e *escuta sensível*.

Ressaltamos que os conceitos de *reprodução interpretativa* e *escuta sensível* e *entrada reativa* e *adulto atípico* foram desenvolvidos em conjunto na mesma categoria, por se interrelacionarem e serem codependentes.

3.1 Entrada Reativa e Adulto Atípico

Dois potentes conceitos da SI, propostos por Corsaro (2005) e mobilizados por pesquisadores que dedicam especial atenção a compreender os mundos infantis, são a *entrada reativa* e o *adulto atípico*. Estes conceitos referem-se, respectivamente, ao processo de inserção no campo de pesquisa e da postura que o pesquisador assume na relação e interação com as crianças nos contextos pesquisados.

Para Corsaro (2005), a *entrada reativa* nos espaços dominados pelos infantis consiste na adoção de uma conduta, por parte do pesquisador, menos expansiva, invasiva e diretiva. O pesquisador também deve aguardar que as crianças o percebam, reajam à sua presença e iniciem o processo de interação.

Na investigação etnográfica desenvolvida por Barbosa (2018) no cotidiano de um CMEI de Vitória/ES, ao fazer as primeiras aproximações para inserção no campo e aguardando a ação ativa e curiosa das crianças deste contexto, relatou:

Enquanto eu observava as crianças na aula de Educação Física, algumas delas se aproximaram e me fizeram várias perguntas a respeito da minha presença na escola: você é professora? O que você está fazendo aqui? O que você está escrevendo nesse livro? Em meio a tantas perguntas, tentei respondê-las, de forma que entendessem a razão da minha presença: sim, sou professora, mas, também, sou pesquisadora. Vocês sempre vão me ver na escola (...) eu escrevo nesse livro [era um pequeno caderno] o que vocês estão fazendo. Logo, uma menina me interrompeu: mas o que uma pesquisadora faz? E eu respondi: observa e anota tudo que vocês estão brincando. Ela começou a rir e falou: você tem que estar aqui toda hora! (Barbosa, 2018, p. 65).

O relato acima denota que a pesquisadora se fez perceber nos *espaços-tempos*, comumente ocupados pelos infantis, de maneira sutil, não impositiva e abrupta e que os primeiros contatos e interações se realizaram a partir da iniciativa das crianças.

De maneira similar, para desenvolver o “Projeto Imagens que me encantam” em uma associação de tratamento oncológico para crianças e adolescentes em Vitória/ES, a *entrada reativa* também foi realizada por Mazzei (2021, p. 106-107):

Munidos do cartaz de divulgação e de um *tablet* contendo vídeos divertidos, decidimos nos acomodar nos bancos do pátio que antecede a entrada do refeitório. Para nossa surpresa, as crianças é que acabaram buscando aproximação conosco, querendo saber o porquê daquele *tablet*. Após essa deixa, mostrávamos vídeos divertidos e, em seguida, entregávamos os cartazes

explicando que as crianças também poderiam produzir materiais como aqueles vistos.

A experiência deste episódio evidencia o respeito que o pesquisador teve em relação ao tempo da criança e, conseqüentemente, como a curiosidade, a confiança e os vínculos afetivos constituem elementos centrais para que interações e mediações se estabeleçam de maneira não hierarquizada, de forma mais horizontalizada e dialógica.

No entanto, para além de adentrar e frequentar os espaços tipicamente infantis, Corsaro (2005, p. 448) sugere que os pesquisadores adotem também a postura do que ele nomeou de *adulto atípico*, “[...] uma espécie de criança grande”, ou ainda, nas palavras de Mello et al. (2015, p. 36), “[...] sujeito que é diferente da criança, mas que também não está em ‘pé de igualdade’ com os demais adultos da instituição”. Entretanto, o *adulto atípico* é aquele que se dedica em ganhar a receptividade e o interesse infantil, procura agir e pensar com as crianças, além de não tentar controlar os seus comportamentos, padrões de um adulto típico, que geralmente são controladores e prescritivos nos processos de interação.

O conceito de *adulto atípico* possui estreita relação com a *entrada reativa* e se faz essencial para que o pesquisador seja aceito nos mundos de vida da criança, integre, participe do seu cotidiano e se torne uma delas, uma vez que

a maneira como o pesquisador adentra na escola influencia o acesso às produções culturais das crianças. Embora os adultos (pesquisadores) sejam diferentes das crianças, eles só podem ter acesso a essa *cultura de pares*, se forem aceitos, respeitando as regras e os modos particulares que as crianças estabelecem entre si (Martins; Scottá; Mello, 2016, p. 52-53).

Assim, a adoção e a junção na materialidade destes conceitos foram fundamentais para que a professora-pesquisadora Barbosa (2018) fizesse parte do universo infantil, pudesse compreender as ações brincantes e realizasse a auscultação das vozes das crianças, conforme episódio narrado a seguir:

[...] Em uma situação inesperada, uma criança se dirigiu a mim e gritou: Tia, me salva! Ela estava me chamando para entrar na brincadeira, prontamente aceitei. Perguntei: como posso te salvar? A criança falou: chama ele, aí, eu vou correr para lá, apontando para a parede. Entrei no jogo e falava: aí que medo, vem me pegar, Seu Zumbi! As crianças morriam de rir, fugiam e encostavam-se à parede. Havia algumas regras como o cruzar os dedos. Perguntei: por que você está mostrando seus dedos cruzados para o zumbi? Uma menina respondeu: assim, ele não pode pegar a gente. O zumbi continuava a andar procurando as crianças. Algumas

As contribuições da Sociologia da Infância para as pesquisas da Educação Física com crianças

fogem e outras denunciam onde os outros estão escondidos. Um deles falava: sobe aqui no brinquedo. Aqui ele não pode subir. Ele não tem roda! E eu falei: eu não posso subir aí, eu sou muito grande. Mesmo assim, eles insistiram. Quando eles pararam de brincar, iniciei um diálogo com eles: de onde vem o zumbirobô? Um menino respondeu: da morte! Ele é do mal! Eu falei: nossa, mas, mesmo assim você gosta de brincar com ele? E o menino respondeu: sim, eu gosto de brincar de bicho! (Barbosa, 2018, p. 68).

Neste fragmento, o convite feito pelas crianças à pesquisadora, para integrar a brincadeira junto a elas, lhe conferiu a aceitação do grupo e o status de *adulto atípico*. Situação possível dada a relação proxêmica que se estabeleceu de maneira dialógica e respeitosa, que possibilitou que as crianças se sentissem seguras e confortáveis com a presença daquele *adulto atípico* que passou, então, a compor os ambientes e as brincadeiras infantis.

Como foi possível observar, a adoção dos conceitos de *entrada reativa* e *adulto atípico* tem sido um dos caminhos trilhados por pesquisadores do Naif, como as pesquisas de Ewald (2021), Fávero (2022), Galvão (2019), Trindade (2021) e Zandomínegue (2018).

3.2 Cultura de Pares

Um outro potente conceito da SI que contribui para dar visibilidade às crianças e às infâncias é a *cultura de pares*, que segundo Corsaro (2011, p. 128) é um “[...] conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e compartilham em interação com as demais”. O termo “pares” é utilizado, sobretudo, para dizer que esta construção de significados dentro da cultura infantil é feita em conjunto, a partir de vivências em grupos, que compartilham momentos juntos e interações coletivas, reconhecendo as ações singulares e exclusivas que irão implicar no próprio desenvolvimento das crianças e nos seus processos de socialização.

A palavra “pares” não significa duplas, mas sim parceiros iguais. Sendo assim, a *cultura de pares* ocorre entre criança-criança. Desta forma, as trocas e as interações que acontecem no cotidiano e que se caracterizam como *cultura de pares* é entre crianças e não entre crianças-adultos (Corsaro, 2009), que pode ser evidenciada neste excerto do diário de campo:

as crianças foram para a sala de vídeo assistir ao desenho *As aventuras do Doki* com avião. No decorrer do vídeo, observamos que elas entre si comparavam o avião do Doki com os aviões de papel com que brincaram: ‘O avião do Doki tem asas e motor’; ‘É, e tem piloto’. ‘O avião do Doki faz barulho bruuuu’ [imitando o som

do motor]. ‘O meu avião [de papel] também voa altão. Só eu jogar bem forte’ [...] (Zandomínegue, 2018, p. 162-163).

As falas denotam que durante a atividade as crianças estabeleceram a *cultura de pares*, evidenciando os interesses e valores produzidos nas interações que se constituem essenciais para o seu desenvolvimento e aprendizagem. Sarmiento (2004, p. 14) sublinha que

[...] a convivência com seus pares, através da realização de actividades de rotinas, permite-lhes exorcizar medos, representar fantasias e cenas do quotidiano, que assim funcionam como terapias para lidar com as experiências negativas. Esta partilha de tempos, acções, representações e emoções é necessária para um mais perfeito entendimento do mundo e faz parte do processo de crescimento.

Desta forma, ao compreender a realidade dos infantis, se estabelece um conjunto de criações e apropriações que as crianças realizam, revelando os diferentes significados produzidos no seu dia a dia, por meio de brincadeiras, expressões, gestos, palavras e sons. Outro trabalho que evidencia esta *cultura de pares* é a pesquisa de Ewald (2021, p.114):

A mediação foi muito interativa e, em diversos momentos, as crianças realizavam diferentes maneiras de rebater a bola e brincar com o colega. Em um momento, Manoela e Maria deitam-se no chão e dizem estar brincando de vôlei deitadas. Rebatiam a bola mesmo que não estivessem vendo a outra. Kevin e Yara, observaram e resolveram realizar a mesma ação.

O conceito também aborda outros fatores relevantes para a docência com crianças, visto que traz consigo maneiras de como teorizar as atividades de grupos infantis através do reconhecimento da criança como sujeito ativo dentro da sociedade (Corsaro, 2009). Para o autor, a tentativa de dar sentido e respeitar os direitos da criança, desassociando o olhar adultocêntrico sobre elas, ressalta que “[...] características importantes das culturas de pares surgem e são desenvolvidas em consequência das tentativas infantis de dar sentido e, em certa medida, a resistir ao mundo adulto” (Corsaro, 2011, p. 129).

Por meio da *cultura de pares*, é possível compreender também como as crianças se organizam e interagem nos cotidianos. Os professores-pesquisadores, ao se valerem da compreensão do conceito, têm a possibilidade de analisar as nuances e a complexidade das interações que se estabelecem entre as crianças para melhor entendê-las, captar seus

mundos de vida e suas subjetividades e, assim, melhor pensar suas práticas pedagógicas e encaminhamentos de pesquisas.

3.3 Reprodução Interpretativa e Escuta Sensível

Outra abordagem proposta por Corsaro (2009), que está diretamente ligada à produção cultural das crianças, é a *reprodução interpretativa*. Mello et al. (2020) explicam em sua produção esta capacidade inventiva da criança, em que elas imprimem novos significados e interpretações das culturas em que estão inseridas.

As crianças em seus cotidianos se apropriam de informações dos contextos adultos e introduzem em seus mundos de vida, a fim de atender suas necessidades e interesses. O termo *reprodução*, segundo Corsaro (2009, p. 31), “significa que as crianças não apenas internalizam a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e mudança cultural. Significa também que as crianças são circunscritas pela reprodução cultural”. Já o termo *interpretativa*

captura os aspectos inovadores da participação da criança na sociedade, indicando o fato de que as crianças criam e participam de suas culturas de pares singulares por meio da apropriação de informações do mundo adulto de forma a atender aos seus interesses enquanto crianças (Corsaro, 2009, p. 31).

A *reprodução interpretativa* ocorre, principalmente, durante as brincadeiras infantis. Corsaro (2009) aponta as brincadeiras de aproximação-evitação, as de dramatização de papéis e o jogo de papéis e poder sociais como atividades em que ocorre este processo. Nestes jogos e brincadeiras, as crianças adquirem poder e status. Ao assumirem papéis da vida adulta, elas projetam, dessa forma, uma época em que ainda está por vir (vida adulta) para adquirir poder e controle.

Trabalhos que reforçam as brincadeiras de faz de conta como meios para a *reprodução interpretativa* são os de Scottá et al. (2020) e Mello et al. (2021). É, principalmente, nestas mediações, que as crianças conseguem se expressar e externalizar suas subjetividades.

[...] Dentre as brincadeiras de faz de conta vivenciadas no PBMR, sobressaíram as de médico/a e as de super-heróis. Nas brincadeiras de médico/a ocorriam inversões de papéis, onde as crianças assumiam o controle da situação: ‘Numa determinada brincadeira, uma menina que fazia o papel da mãe informou os sintomas da filha para a médica (estagiária) e pediu para que ela solicitasse um

exame de sangue' (Diário de Campo, 17-08-2017). Já nas brincadeiras de super-heróis, as crianças internalizavam 'superpoderes', superando, pelo menos no momento da brincadeira, a sua condição de fragilidade e de vulnerabilidade (Mello et al., 2021, p. 110).

Zandomínegue (2018), ao realizar uma pesquisa combinando metodologicamente a pesquisa-ação colaborativa e a etnografia no cotidiano de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) em Vitória (ES), identificou em suas práticas que as crianças recriam situações do mundo adulto, para além da reprodução social, não consumindo passivamente o que lhes é ofertado, elas também produzem cultura que ocorrem por meio da *cultura de pares*, como pode-se observar no seguinte relato extraído do diário de campo:

[...] Observamos que algumas meninas passearam pelo pátio simulando um cavalinho com os bastões [...]. Outras brincavam de princesa no castelo, explorando o escorregador de brinquedo que havia no pátio [...]. Com o retorno das crianças, as meninas começaram a brincar de mãe e filha. Como o grupo era muito grande, elas se organizaram de modo que cada uma desempenharia um papel na brincadeira. Uma delas seria a mãe, a outra a filha, a tia [...]. Um menino entrou na brincadeira e seria o pai. Entre si, as crianças discutiam, pois mais de uma menina queria ser a mãe e, para uma convencer a outra a aceitar o seu papel, argumentavam dizendo: 'Eu não vou ser mais sua amiga [...]'. Ao final dessa discussão, decidiram: 'Então a filha terá duas mães' (Zandomínegue, 2018, p. 249-250).

Diante do exposto, é necessário estabelecer um olhar atento e uma *escuta sensível*, a fim de atender às necessidades e desejos das crianças, e a partir disto conseguir captar as diferentes *reproduções interpretativas* realizadas por elas em seus cotidianos. Por meio desta escuta, é possível perceber os detalhes e informações que os infantis querem transmitir.

Os trabalhos de Scottá et al. (2020) e Zandomínegue, Barbosa e Mello (2020) evidenciam a importância da auscultação das crianças em suas múltiplas linguagens, haja vista que crianças muito pequenas ainda estão em processo de internalização da linguagem verbal. Para que elas tenham um papel ativo nos processos de ensino-aprendizagem, é importante considerar as várias formas de expressões, principalmente a corporal e reconhecer suas necessidades e desejos no cotidiano.

4. Considerações finais

No exercício de olhar para os lugares que as crianças ocupam nas pesquisas da Educação Física, dialogamos com as produções do NAIF, que em seu arcabouço teórico-

As contribuições da Sociologia da Infância para as pesquisas da Educação Física com crianças

metodológico mobiliza os conceitos e os pressupostos da SI para trazer as crianças para o centro das práticas pedagógicas e de pesquisa. Por meio dos conceitos de *entrada reativa*, *adulto atípico*, *cultura de pares*, *reprodução interpretativa* e *escuta sensível*, é que professores-pesquisadores de EF, atuando com crianças em contextos formais e não-formais da educação, têm procurado compreender as ações, articulações, negociações e as produções infantis.

Desta maneira, as pesquisas aqui abordadas procuraram evidenciar como estes conceitos foram mobilizados nos cotidianos das instituições infantis e em contextos não formais, por meio das falas das crianças, no ato em que exercem seu protagonismo junto aos seus pares e aos adultos. São pesquisas, no seu âmago, que ao se ancorarem na SI, buscam desconstruir a ideia de criança como ser incompleto, que é visto apenas pelas suas ausências, passando a compreendê-las como seres competentes, atores sociais que possuem direitos e que são coconstrutores de conhecimento dentro da sociedade.

Nas pesquisas analisadas buscou-se valorizar as infâncias, as experiências, os saberes, as singularidades e as vozes das crianças em seus diferentes contextos, a fim de retirá-las da condição de anomia e de invisibilidade social, para dar espaço à sua participação ativa e às suas produções culturais. Sem a pretensão de esgotar as possibilidades que o campo da Sociologia da Infância apresenta para o reconhecimento e valorização das produções infantis, os trabalhos aqui analisados indicam possibilidades para construção de conhecimentos com as crianças, considerando-as como sujeitos competentes para falar sobre si.

Referências

ABRAMOWICZ, A. Sociologia da Infância: traçando algumas linhas. **Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 8, n. 2, p. 371-383, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/330209074_Sociologia_da_Infancia_tracando_alguas_linhas. Acesso em: 14 jun. 2023.

ABRAMOWICZ, A.; OLIVEIRA, F. A sociologia da infância no Brasil: uma área em construção. **Educação UFSM**, v. 35, n. 01, p. 39-52, 2010. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1984-64442010000100004&script=sci_abstract. Acesso em: 19 dez. 2023.

BARBOSA, R. F. M. **Hibridismo brincante**: um estudo sobre as brincadeiras lúdico-agressivas na Educação Infantil. 2018. 326f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2018.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 31 de jul. 2023.

BRASIL. **Decreto 99.710, de 21 nov. de 1989**. Convenção sobre os Direitos das Crianças. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1989.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 jul. 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: CNE/CEB, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

CORSARO, W. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação & Sociedade**, v. 26, p. 443-464, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/HkDSKzZZJKdsSFtqBHmZxbF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 mai. 2023.

COHN, C. **Antropologia da criança**. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005.

CORSARO, W. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MULLER, F.; CARVALHO, A. M. A. (org.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 31-50.

CORSARO, W. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DAHLBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. **Qualidade na educação infantil da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Artmed. 2003.

DELGADO, A. C. C.; MÜLLER, F. Abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças. In: CRUZ, S.H.V. (org.). **A criança fala: a escuta de crianças específica**. São Paulo: Cortez, 2008. P. 141-157.

DUARTE, L. C. **Educação física cultural na educação infantil: imagens narrativas produzidas com professoras e crianças nos/dos/com os cotidianos de uma EMEI paulistana**. 2021. 384f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2021.

As contribuições da Sociologia da Infância para as pesquisas da Educação Física com crianças

DUARTE, L. C.; NEIRA, M. G. Educação física na educação infantil: um balanço das dissertações e teses da última década. **Didática Sistemica**, Rio Grande, v. 23, n. 1, p. 16–34, dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/12886>. Acesso em: 13 jul. 2023.

EWALD, A. S. **A prática pedagógica da Educação Física com a Educação Infantil**: diálogos entre a Sociologia da Infância e o Comportamento Motor. 2021. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2021.

FARIAS, U. S.; NOGUEIRA, V. A.; SOUZA, C. A.; MALDONADO, D. T. Educação Física escolar no ensino fundamental: o planejamento participativo na organização didático-pedagógica. **Rev. Motrivivência**. Florianópolis, v. 31, n. 58, e55270, abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2019e55270>. Acesso em: 25 de jun. 2023.

FAVERO, R. F. **Desafios e possibilidades para a mediação pedagógica com as danças populares no contexto da Educação Infantil**. 2022. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2022.

FRANCO, F. M.; ZANDOMÍNGUE, B. A. C.; MELLO, A. S. Protagonismo das crianças nas práticas pedagógicas da Educação Física com o teatro, a brincadeira e a contação de história na Educação Infantil. **Cadernos RCC#33**, Brasília, v. 10, n. 1, p. 211-223, Mai. 2023. Disponível em: <https://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/1580/971>. Acesso em: 18 mai. 2023.

GALVÃO, E. R. **Relações pedagógicas da Educação Física com crianças e adolescentes em tratamento oncológico**. 2019. 162 f. Mestrado (Mestrado em Educação Física) - Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2019.

GUIMARÃES, V. **Dinâmica curricular no cotidiano da educação infantil**: um olhar a partir das práticas pedagógicas com a educação física. 2018. 219 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2018.

LEITE, I. Sociologia da Infância: campo científico, passos e percalços. **Educação**, v. 46, n. 1, 2023. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/faced/article/view/44560>. Acesso em: 23 jan. 2024.

MARTINS, R. L. R.; SCOTTA, B. A.; MELLO, A. S. PIBID, Educação infantil e Educação Física: práticas pedagógicas centradas nas crianças. **Nuances**, Presidente Prudente, v. 27, n. 1, p. 46-66, Jan/Abr. 2016. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/3967>. Acesso em: 8 ago. 2023.

MAZZEI, V. R. **Imagens, infâncias e educação em foco**: Análise de produções culturais sobre, para e pelas crianças. 2021. 181 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2021.

MELLO, A. S.; BARBOSA, R. F. M.; MARTINS, R. L. R. Crianças como praticantes do cotidiano: uma perspectiva metodológica para produção de conhecimentos com as infâncias. **Revista Diálogo Educacional**, v. 23, n. 77, p. 861–873, ago, 2023. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-416X2023000200861&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 jul. 2023.

MELLO, A. S.; MARCHIORI, A. F.; BOLZAN, E.; KLIPPEL, M. V.; ROCHA, M. C.; MAZZEI, V. R. Por uma perspectiva pedagógica para a educação física com a educação infantil. **Humanidades e Inovação**. Palmas, v. 7, n. 10, p. 326-342, abr. 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2868>. Acesso em: 10 jun. 2023.

MELLO, A. S.; TRINDADE, L. H.; GALVÃO, E. R.; PIMENTEL, G. G. A. O brincar e a criança em tratamento oncológico: relações para além da dimensão terapêutica. **Licere**. Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 97-119, jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/34867>. Acesso em: 10 jun. de 2023.

MELLO, A. S.; ZANDOMINEGUE, B. A. C.; BARBOSA, R. F. M.; MARTINS, R. L. D. R.; SANTOS, W. A educação infantil na Base Nacional Comum Curricular: pressupostos e interfaces com a Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 130-149, Set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p130>. Acesso em: 15 abr. 2023.

MELLO A. S.; ZANDOMINEGUE, B. A. C.; VIEIRA, A. O.; SILVA, A. C.; ASSIS, L. C.; BARBOSA, R. F. M.; MARTINS, R. L. D. R. Pesquisas com crianças na Educação Infantil: diálogos interdisciplinares para produção de conhecimentos. **Motrivivência**. Florianópolis, v. 27, p. 1-16, Set, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2015v27n45p28>. Acesso em: 3 jul. 2023.

QUINTEIRO, J. Sobre a emergência de uma sociologia da Infância: contribuições para o debate. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 20, n. esp., p. 137-162, jul./ dez. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10282>. Acesso em: 19 dez. 2023.

QVORTRUP, J. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa**, v. 36, n. 2, p. 631–644, maio 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/M9Z53gKXbYnTcQVkgwZS3Pf/>. Acesso em: 8 ago. 2023.

ROCHA, E. A. C. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: Cruz, S. H. V. (org.) **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008. p. 43-51.

As contribuições da Sociologia da Infância para as pesquisas da Educação Física com crianças

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, M. P; CERISARA, A. B. (org.). **Crianças e miúdos: perspectivas sociológicas da infância e educação**. Porto: Asa Editores, 2004. p. 9- 34.

SARMENTO, M. J. Sociologia da infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina Soares de. (org.). **Estudos da Infância: Educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes. 2008.

SARMENTO, M. J. A sociologia da infância e a sociedade contemporânea: desafios conceituais e praxeológicos. In: ENS, R. T.; GARANHANI, M. C. (org.). **Sociologia da infância e a formação de professores**. Curitiba: Ed Champagnat, p. 13-46. 2013.

SCOTTA, B.A. et al. **A valorização das produções culturais das crianças nas aulas de educação física: análises de narrativas docentes**. Educación Física y Ciência, Ensenada, v. 22, n. 1, p. 120, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4399/439963095012/html/>. Acesso em: 27 dez. 2023.

TOMÁS, C. Para além de uma visão dominante sobre as crianças pequenas: gramáticas críticas na educação de infância. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 4, p. 13-20, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/7045>. Acesso em: 12 fev. 2023.

TRINDADE, L. H. **Pressupostos teóricos e pedagógicos para a mediação da educação física com crianças em tratamento oncológico**. 2021. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos, Vitória, 2021.

ZANDOMÍNEGUE, B. A. C. **As produções culturais das crianças como eixo de articulação curricular da educação física com a educação infantil**. 2018. 342 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Centro de Educação Física e Desportos Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos, Vitória/ES, 2018.

ZANDOMÍNEGUE, B. A. C.; BARBOSA, R. F. M.; MELLO, A. da S. Participação-escuta das crianças na Educação Infantil. **Research, Society and Development**, S. l., v. 9, n. 7, p. e06973758, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3758/3183>. Acesso em: 27 dez. 2023.

Nota

ⁱ Segundo Rocha (2008, p. 44-45), o termo ausculta “não é apenas uma mera percepção auditiva nem simples recepção da informação – envolve a compreensão da comunicação feita pelo outro. Inclui a recepção e a compreensão, que, principalmente neste caso – o da escuta da criança pelo adulto –, sempre passará por uma interpretação”.

Sobre os autores

Jardielly Alencar Vasconcelos Martins

Doutoranda em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Email: diellyalencar30@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6615-1870>.

Laura Helmer Trindade

Mestranda em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Email:

laurahelmer@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0802-9353>

Gabriel Maroquio Zandomenighe da Silva

Mestrando em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Email:

gabrielpcae@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6534-0477>

Leisiane Gomes Dias

Doutoranda em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Email: leisiane773@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-0346-1371>

André da Silva Mello

Doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho (UGF). Email:

andremellovix@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3093-4149>

Recebido em: 23/02/2024

Aceito para publicação em: 15/03/2024